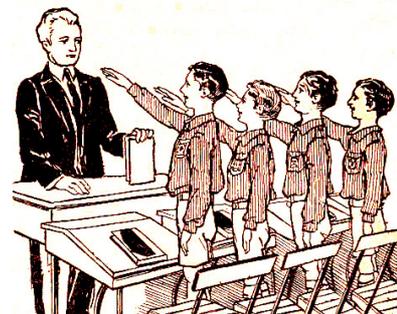




"Magalhães" o escândalo da robotização da educação

Pais e público mantidos em ignorância acerca dos malefícios de um projecto que na Europa e na América já demonstrou a sua inutilidade

Desde o Século 19 que em todo o mundo a pedagogia busca avidamente soluções adaptadas aos tempos e capazes de remediar as asneiras cometidas anteriormente. Em Portugal tivemos por último, durante o período da ditadura fascista, uma tentativa de educação militarizada e totalitária, dedicada ao hediondo culto da raça, que encontrou expressão na famigerada "Mocidade Portuguesa", dependente do Ministério da Educação e copiada da "Juventude Hitleriana" da Alemanha nazi. Agora, apesar dos crescentes conflitos puramente humanos, ligados por exemplo à crise profissional dos professores ou ao comportamento cada vez mais descontrolado e violento de alunos nas salas de aula, tenta-se uma outra solução totalitária: a distribuição em massa de meio milhão de máquinas (minicomputadores portáteis) para crianças com idade a partir de apenas 6 anos, no 1º ciclo do ensino básico.



Deslumbrada com promessas e intelectualismos do mundo da tecnologia, dos negócios e da política, a própria máquina do Estado parece ter se tornado vítima de uma demagogia tecnocrata, onde falta clareza e coragem para lidar com as verdadeiras necessidades humanas das novas gerações. Surgiu assim esta encenação da distribuição do computador para crianças "Magalhães", anunciado espalhafatosamente como autêntica janela para o futuro, para o mundo e para a vida, como se fosse o "último grito" em matéria de educação, capaz de recolocar o país ao nível da Europa civilizada.

Como entretanto já se sabe, "Magalhães" é apenas um nome fantasioso para uma modificação do já conhecido minicomputador americano "Classmate" da empresa Intel. Para

conquistar o novo e gigantesco mercado mundial das crianças, a Intel vinha celebrando acordos com países subdesenvolvidos, para a montagem local do "Classmate" sob diversos nomes e versões. A exemplo da Irlanda (onde o respectivo governo assegurou há anos de joelhos à mega-empresa Intel condições preferenciais e mão de obra barata para a instalação da sua segunda maior unidade fabril no mundo) Portugal foi agora estrategicamente escolhido como país praticamente terceiro-mundista, mas inserido na Europa e capaz de assegurar operações a baixo custo, graças a uma aliança com outras empresas, para o fabrico e a exportação em massa desse minicomputador para um mercado mundial potencial de proporções astronómicas, formado sobretudo por crianças em idade escolar.



A anunciada «revolução para a educação em Portugal» constitui assim na realidade uma astuciosa estratégia comercial de enormes proporções, que vem usar o país como palco de demonstração para convencer clientes ingénuos entre governos e ministérios de educação em todo o terceiro mundo e países em desenvolvimento. A Intel, como verdadeira empresa-mãe do "Magalhães", está nomeadamente afligida por uma gravíssima crise nos seus negócios mundiais, tendo sofrido, por exemplo, no final do ano passado uma catastrófica quebra de 90% nos seus rendimentos. Está ainda prevista a eliminação de milhares de postos de trabalho, além do encerramento de fábricas na Malásia, nas Filipinas e na própria América. Ao mesmo tempo, a Índia, um país com capacidades tecnológicas independentes, optou por dar as costas aos potentados ocidentais e em breve produzirá em massa o seu próprio minicomputador "Sakshat" a um preço irrisório.

Entre nós, a aventura magalhânica podia certamente suscitar muitas outras questões. Por exemplo: O que é que um colossal projecto industrial de montagem e exportação de minicomputadores tem a ver com a nossa atribulada educação infantil? Porque sobrecarregar professores com tarefas administrativas estranhas à profissão? Como é que servidores do Estado, colocados nas mais diversas posições, puderam transformar-se em verdadeiros agentes de vendas? Que autoridade humanística e pedagógica tem um consórcio industrial internacional para vir instruir os nossos pais e professores quanto ao tipo de ensino robotizado que se pretende implantar entre a nossa infância? Que negociatas gigantescas estarão em curso – sob a respeitosa máscara da "educação" – para realizar lucros de milhões com conexões de internet, manutenção e reparação de milhares de computadores, mais as vendas de softwares, impressoras, acessórios, etc.? Será justo acorrentar a próxima geração portuguesa ao potentado exclusivista do sistema operacional Microsoft? E será de admitir como legítima a invasão da esfera familiar e infantil pela publicidade magalhânica, que já começou a promover coisas como «Ganha um iPhone 3G» ou «Ganha um Nintendo DS Lite»?

O aspecto mais importante para pais e outros interessados

Essas e muitas mais questões delicadas não constituem entretanto o objectivo deste artigo, que não é motivado por considerações políticas, nem por qualquer posição "anti-tecnológica". Perante a autêntica febre que se abateu sobre empresas, governo e ministérios, quando decidiram a sangue frio derramar sobre a educação básica de Portugal uma absurda robotização da educação à base de meios electrónicos, o mais importante para pais, pedagogos e a opinião pública em geral é constatar que se trata realmente de uma iniciativa perfeitamente caduca, esvaziada de fundamentos pedagógicos, e que há quase 10 anos já demonstrou resultados catastróficos na Europa e na América. O efeito dos minicomputadores para a deformação das personalidades infantis, bem como para o empobrecimento do contacto humano entre professores e alunos, é algo que já foi estudado

em profundidade em inúmeras comunidades escolares e universidades em todo o mundo, revelando resultados assombrosos.

Em Nova Iorque, por exemplo, durante uma campanha semelhante ao "Magalhães", muitos alunos usavam os minicomputadores para enviarem para os seus camaradas de classe soluções e respostas para testes e exames, bem como para descarregar filmes pornográficos, ou interferir nas actividades do comércio local. Após os pais e as escolas terem apertado as proibições internéticas – algo que também está previsto para o "Magalhães" – os alunos encontraram facilmente não só os meios para ultrapassar as proibições, como ainda publicaram na internet os respectivos códigos, para quaisquer outras crianças fazerem o mesmo. Além disso, muitos computadores apresentavam constantemente irregularidades, e em dias de provas a internet entrava em colapso devido aos milhares de alunos que tinham os olhos cravados nos seus mini-ecrãs. Tal como aconteceu durante outras campanhas oficiais de distribuição do tipo "Um-Computador-Para-Cada-Aluno", as autoridades decidiram retirar as máquinas das mãos dos miúdos.



Conforme foi atestado por uma junta de educação, após setes anos não havia qualquer resultado que mostrasse um impacto positivo dos computadores sobre o rendimento escolar dos alunos. As maquinetas haviam se tornado pelo contrário um verdadeiro impedimento, provocando uma dispersão na aprendizagem. Assim, os gigantescos problemas com a manutenção de milhares de aparelhos, mais o crescente abandono dos computadores pelos alunos durante trabalhos escolares, e ainda o uso abusivo para outros fins, forçaram finalmente os próprios professores a tomar uma medida extrema: boicotar o seu uso.

Até o Departamento Nacional de Educação dos Estados Unidos já apresentou um estudo demonstrando que não há diferença no sucesso académico (ou seja, nos estudos superiores após o ensino secundário) entre alunos que anteriormente usaram, ou não, computadores para a aprendizagem das disciplinas mais críticas: a matemática e a leitura.

Entre muitos pais e educadores modernos instalou-se também a crença ingénuca de que deixar desde muito cedo as crianças em frente de um aparelho de televisão ou vídeo contribuirá para torná-las depois mais espertas ou mais hábeis para lidar com computadores e outros aparelhos, quando entrarem para a escola. Na University of Washington foi atestado, pelo contrário, que as populares séries de programas infantis estão a fazer mais mal do que bem, especialmente no que diz respeito a crianças com dificuldades de desenvolvimento da linguagem. As crianças sofrem um efeito exactamente inverso, deixando de aprender novos vocábulos.

O resultado negativo do consumo de softwares, mesmo aqueles apresentados sob a etiqueta de «programas educativos», foi também verificado em estudos na Faculdade de Medicina da University of New Mexico. A vida das crianças em contacto com o mundo real revelou-se como



factor fundamental, sendo que as habilidades linguísticas podiam ser melhoradas até com o simples expediente das crianças ouvirem regularmente histórias lidas por adultos. Os pesquisadores concluíram com uma condenação cabal: a exposição prematura de crianças a programas audiovisuais, computadores, vídeos, etc. só pode produzir o aparecimento de

uma geração de crianças hiper-estimuladas e posteriormente deficitárias em termos de capacidade de concentração.

Tipicamente, os promotores dos computadores para crianças em idade primária argumentam aos quatro ventos que «saber manipular desde cedo um computador» é algo que promove a habilidade comunicativa ou a "competência medial" na nossa nova era, aumentando as chances de sucesso profissional para mais tarde na vida adulta. Mas um dos aspectos perniciosos, deliberadamente escondidos de pais, pedagogos e opinião pública, é que ocorre aí um sacrifício de outras aptidões essenciais para a vida. O desastroso efeito final resulta fatal para uma educação equilibrada, pois são precisamente aquelas aptidões sacrificadas – e não a simples capacidade de manusear uma máquina – que mais tarde demonstrarão ser críticas para a estabilidade da personalidade e para a integração dos jovens-adultos no mundo social e profissional.



manipulação dos mesmos.

Para se chegar a uma "competência medial" é necessário primeiramente uma criatividade bem desenvolvida, mais uma capacidade de auto-avaliação e um discernimento crítico acerca dos conteúdos captados – tudo coisas que as crianças só alcançam mais tarde, após o período primário. Assim, a idéia de que computadores ensinam as crianças a lidar "inteligentemente" com computadores constitui uma ilusão bastante simplória, pois a única coisa que as crianças conseguem realmente aprender com os computadores, nessa fase escolar inicial, é a mera

Um relatório da University College London salienta que a promoção da inteligência infantil durante a fase inicial da vida escolar está ligada a factores totalmente diversos. A implementação de verdadeiras actividades de entretenimento livre, sem meios electrónicos, é capaz de promover o quociente de inteligência (IQ) até mesmo em crianças mal alimentadas e sub-estimuladas. Assim, uma intervenção dos governos ao mais baixo nível, e a custos mínimos em comparação com aparelhagens modernas, poderia mudar decisivamente as atitudes e encorajar actividades, com resultados positivos imediatos para todo o rendimento escolar inicial.

Contactado acerca do projecto "Magalhães", o renomado especialista europeu em media Uwe Buermann, do Instituto Ipsum de Stuttgart, sublinhou que há ainda outros aspectos a considerar. Por exemplo, o facto de que os meios electrónicos são cada vez mais ingenuamente considerados pelos pais como brinquedos inofensivos. Conforme as crianças mostram depois uma aparente "habilidade" superior à dos adultos para lidar com tudo isso, muitos pais e educadores deixam de se interessar pelos seus efeitos negativos. Entretanto, inúmeros estudos já atestaram que precisamente as crianças forçadas, desde muito cedo, a usar tecnologias de comunicação, podem permanecer dependentes para o resto da vida, sofrendo uma limitação nas suas chances pessoais e profissionais.



Na Harvard University, durante uma pesquisa realizada com uma população de aprox. 1 milhão de alunos, verificou-se que os melhores resultados em testes de matemática e leitura haviam sido alcançados por crianças que não tinham tido acesso a computadores em casa. Também na Universidade de Munique, um estudo patrocinado pela Volkswagen analisou o meio-ambiente familiar e escolar e revelou que a mera presença de um computador em casa está negativamente relacionada com o rendimento escolar. Os

computadores localizados em casa demonstraram assim uma relação insignificante com o sucesso escolar em geral. O efeito inicial da internet, por sua vez, degradava-se rapidamente conforme aumentava o número de visitas por semana. Trabalhos anteriores já haviam igualmente determinado resultados decepcionantes, em termos de rendimento educacional. Os autores acabaram por concluir que, onde quer que os computadores sejam aplicados para substituir outros tipos de instrução, quem sai prejudicado é o aluno.



A Academia Americana de Pediatria realizou um vasto estudo clínico sobre a importância dos jogos e das brincadeiras reais (ou seja, não computacionais ou electrónicas) para a saúde familiar e infantil. A conclusão aponta para o facto que essas actividades desempenham um papel absolutamente essencial para o desenvolvimento, contribuindo para o bem-estar psicológico, físico, social e emocional das crianças. Essas actividades oferecem também uma oportunidade ideal para os pais cuidarem de um verdadeiro convívio humano com os seus filhos. Infelizmente, essas actuações pedagógicas salutares no seio de famílias, escolas e comunidades vêm sendo abandonadas, devido a uma série de factores, como vidas mergulhadas em *stress*, desintegração social das famílias, tendência para abordagens intelectualísticas nas escolas, e uma inflação no acúmulo de informações.

A propósito do aparecimento, nas escolas, de cada vez mais crianças com debilidades nervosas e de locomoção chamadas Distúrbios de Hiperactividade e Déficit de Atenção (DHDA), a medicina já atestou que em numerosos desses casos trata-se de danos derivados do consumo de meios electrónicos na primeira fase da vida.



Em 1840 o pedagogo Froebel foi o primeiro a usar a expressão "jardim" para designar locais de abrigo e recolha das crianças, que até então eram inclusive usadas como força de trabalho. Ele reconheceu já nessa época a enorme importância das brincadeiras naturais para a completa formação da personalidade humana. Mas nos últimos anos, perspectivas cientistas fanáticas (do tipo "há que aproveitar estrategicamente a inteligência infantil nos primeiros anos de vida") vieram provocar uma perversão robótica até em jardins de infância, com a instalação de potentes centros de computação disfarçados como brinquedos. Ao mesmo tempo, o lucrativo mercado dos produtos para crianças, apoiado por estratégias de marketing e publicidade sem controlo ético, vieram alimentar um amadurecimento infantil prematuro e doentio, ao promover uma "compressão etária", de modo que produtos e brinquedos concebidos para crianças maiores, ou até para adultos, sejam consumidos por crianças de cada vez menos idade.

Um estudo na Universidade Tufts de Massachusetts verificou que a habilidade das crianças para brincarem por si próprias está simplesmente a desaparecer, sob o efeito de computadores, televisão, jogos electrónicos, vídeos e actividades sedentárias, bem como uma crescente pressão nas escolas primárias para as crianças obterem resultados de cariz académico. Para milhões de crianças, a época da infância passou a designar um período de vida confinado a quatro paredes, e até jardins de infância estão a ser transformados em verdadeiras escolinhas ou mini-academias, onde as crianças são prematuramente tratadas como mini-adultos.

Iludidos por promessas tecnocratas de modernização, muitos pedagogos passaram assim a menosprezar como supérfluas as actividades de tempos livres, e o seu papel essencial para a aquisição de habilidades permanentes, que são impossíveis de obter de

qualquer outra maneira. Conforme o estudo salientou, durante as últimas duas décadas as crianças perderam em média 12 horas de tempos livres por semana. Ao mesmo tempo, o período dedicado a desportos duplicou, e o número de minutos dedicados a actividades passivas cresceu de 30 minutos para mais do que 3 horas por semana – isto sem contar com os tempos em que as crianças ficam a mirar passivamente uma televisão. Isto resulta desastroso para a posterior vida escolar e até académica. Ao lidar mais tarde, por exemplo com ciências e matemática, os jovens sentem-se empobrecidos em termos de imaginação e criatividade.

Longos anos de pesquisas na University of Virginia também confirmaram que, durante o primeiro período de aprendizagem infantil, as experiências lúdicas e humanas fora das salas de aula são aquelas que colaboram de maneira mais decisiva para alcançar as futuras habilidades académicas adultas, bem como para uma competência de aprendizagem para o resto da vida.

Um triste sumário

Certamente o avanço, ou a sobrevivência, da humanidade passa por uma constante modificação da visão que temos do mundo, junto com os meios técnicos cada vez mais refinados que ficam ao nosso dispor. Mas o detalhe crítico a observar é que todas as máquinas devem ser mantidas no seu devido lugar, em vez de ficarmos – crianças e adultos – escravos das facilidades que elas podem nos trazer. O que está em causa não é só a inevitável e calamitosa perda da habilidade de escrever à mão (cada vez mais crianças escrevem com dificuldade, e só sabem compor letras maiúsculas traçadas com riscos primitivos) ou a necessidade de milhões de crianças terem em breve de usar óculos para compensar a deterioração da vista. O uso irrestrito de meios electrónicos na educação primária equivale a uma verdadeira agressão dirigida contra toda a sociedade, uma vez que os imensos danos psíquicos e orgânicos provocados a longo termo por computadores, TV, telemóveis multi-funcionais, jogos e leitores de vídeo, etc. ocorrem precisamente durante uma das mais delicadas fases de desenvolvimento da personalidade, prejudicando definitivamente as futuras gerações.



Na Universidade de São Paulo, o Dr. Setzer vem estudando há muitos anos o tema dos Meios Electrónicos e Educação (ver o importante livro com o mesmo título, ISBN 8586303917). Consultado acerca do projecto "Magalhães", ele declarou que semelhante medida resultará praticamente inútil, ou altamente prejudicial para crianças e adolescentes. A distorção introduzida no modo de pensar, aliada aos factores de perda do tempo para actividades livres, os perigos da internet, e a falta de um auto-controlo que as crianças só alcançam mais tarde, acabam por prejudicar o rendimento escolar. O Dr. Setzer referiu ainda como a totalidade do mundo educativo, a nível internacional, está hoje carente de uma profunda reforma – reforma essa que deve claramente instituir uma intensificada humanização, e não a cega introdução de cada vez mais tecnologia. Conforme ele comentou com palavras rigorosas e desabridas: "Isto só poderá levar ao aparecimento de adultos anti-sociais, com ideias fixas, passivos, fanáticos e pobres em forças de compaixão e criatividade". O tema pode ser consultado em "www.ime.usp.br/~vwsetzer/pals/palestras" que contém extenso material em língua portuguesa.

Outros efeitos insidiosos

A par do já conhecido malogro educacional que os computadores trouxeram para o mundo escolar primário durante vários anos na Europa e nos Estados Unidos, até ao ponto de terem sido simplesmente abandonados, podem ser referidos 11 efeitos negativos

insidiosos que os meios electrónicos exercem em geral sobre as crianças na fase pré-pubertária:

(1) Conforme o complexo funcionamento dos computadores permanece desconhecido (aliás, até adultos são ignorantes a esse respeito) surge nas ingénuas mentes infantis uma admiração exagerada por máquinas e dispositivos electrónicos;

(2) Estimula-se a crença de que máquinas dotadas de "inteligência artificial" podem em muitos casos ser mais perfeitas do que seres humanos;

(3) Cultiva-se uma concepção materialista-tecnocrata do mundo, com uma visão fatalista (do tipo "tudo é programável") da humanidade e da vida;

(4) Inclinação para uma estratégia de vida baseada na postura computacional amoral de "dividir para conquistar", ou seja, subdividir sempre um problema em partes menores, a fim de resolvê-las separadamente – o que resulta desastroso quando aplicado a seres humanos;

(5) Deterioração dos valores de sociabilidade, uma vez que os computadores são usados individualmente – de modo verdadeiramente egoísta – e os contactos via internet, blogues, skype, twitter, emails, etc. permanecem sob a máscara electrónica;

(6) Provocação de impulsos tendentes a um *stress* permanente, de modo a realizar tudo na vida rapidamente e com variadas acções ao mesmo tempo;

(7) Debilitação das capacidades de concentração mental, contemplação e paciência;

(8) Degeneração da memória e distorção da capacidade de pensamento criativo, conforme deixa de ser necessário memorizar tudo – imagens, sons, ou textos de qualquer tamanho – que são facilmente arquiváveis em memórias electrónicas;

(9) Incitamento à utopia do "Aprender é fácil, aprender é como brincar!" devido à concepção infantilíde dos softwares, e às mensagens estrategicamente preparadas pelo mundo do marketing e da foto-publicidade, onde as crianças são invariavelmente apresentadas a sorrir, em aparente estado de permanente alegria e bem-estar quando contemplam um ecrã de computador;

(10) Danos irreparáveis para os órgãos de visão, e para a habilidade de escrever com as próprias mãos;

(11) Degeneração eventual de complexas funções neurocerebrais, devido à prolongada exposição a campos electromagnéticos nas proximidades da cabeça.

A encenação "Magalhães" – um tiro no escuro

No mundo dos computadores aplicados à "automatização do alargamento do conhecimento", os seus gurus dedicam-se tipicamente a exaltar uma idolatria tecnicista do mundo e do homem, a qual vai depois despertar em políticos e académicos despreparados a sofreguidão de realizar experiências cegas e totalitárias, praticamente como um tiro no escuro, em busca de resultados fabulosos. Os dados exactos sobre as calamitosas influências psíquicas e orgânicas exercidas pelos meios electrónicos sobre crianças na época pré-pubertária estão patentes para serem consultados por qualquer pessoa. Entretanto, fascinados pelos cérebros infantis como se os mesmos fossem peças de um super-computador miraculoso, tecnocratas, governantes e burocratas ministeriais ineptos estão a armar sobre todo o ensino português uma encenação artificialista e robótica que



brada aos céus, com poucas pessoas que se atrevam a dizer em público as verdades que se impõem.

A documentação do projecto "Magalhães" apresenta, para pais e mães, o imperativo forjado de terem que preparar o mais cedo possível os seus filhos para «competências nas tecnologias de informação e comunicação». Colaboradores do projecto, consultados na Universidade de Lisboa, não tiveram pejo até em recomendar o uso do computador a partir dos 4 anos de idade. Os adultos são apresentados praticamente como analfabetos tecnológicos, enquanto que as crianças são louvadas por possuírem qualquer coisa como uma sabedoria inata, devido a «viverem desde o nascimento cercadas por computadores, jogos de vídeo, aparelhos de música digital, câmaras e telemóveis» e terem sempre «visto na rua ou na televisão outras pessoas a utilizá-los».

Sugere-se que as crianças possuem (como se fossem seres que já vêm semi-robotizados do útero materno) uma espécie de segunda natureza instintiva, que lhes confere «um grande à vontade, em particular com os computadores, sem necessitar de explicações ou livros de instruções». Resta assim aos pais, relegados para o papel de meros assistentes, admirar apenas os filhos «naquilo que eles já sabem fazer» e acompanhá-los para que «aprendam ainda mais». E apesar de vivermos em uma era sacudida pelo terramoto das desintegrações de famílias, o apelo absolutamente imoral e socialmente desvirtuante das autoridades magalhânicas é para que os pais «estremem a relação com os seus filhos no que diz respeito ao mundo das tecnologias».



Pais e mães são ainda convocados a ajudarem os seus filhos para que eles «vivam em segurança no mundo digital em que nasceram». Isto equivale a um alerta anti-terrorista, promovendo-se nas almas infantis despreparadas a ideia de que nos subterrâneos incompreensíveis dos computadores está presente algo de misteriosamente perigoso. Muito mais perigoso, entretanto, é um outro aspecto raramente discutido: a segurança pessoal das próprias crianças. Conforme o Ministério da Administração Interna anunciou no seu recente Relatório Anual de Segurança Interna, o país sofre de crescentes índices de criminalidade. Não é difícil de prever que meio milhão de inocentes crianças transportando regularmente entre casa e escola um moderno "Magalhães" portátil (que receberam como um brinquedo de presente, mas pode ser transaccionado por algumas centenas de euros no mercado negro) poderão tornar-se vítimas fáceis de assaltos e trapças, inclusive com o uso de violência.

Além do choque psicológico provocado por tais eventos, qual não será o drama de isolamento anímico vivido por uma criança que perde – conforme promete o folheto "Magalhães" – a sua «comunicação com o mundo»? Ainda outro aspecto, até agora totalmente ignorado, é o aparecimento traiçoeiro de duas categorias sociais de crianças nas escolas: "as que têm" versus "as que não têm" (sendo que a situação das "crianças sem computador" poderá ter sido decidida com absoluta consciência por pais mais dedicados e melhores informados). Este aspecto foi já largamente estudado na América, nos tempos das primeiras experiências desastrosas com computadores nas escolas, onde se verificou o novo conflito social daí resultante, com efeitos desmoralizantes para toda a educação.

Para o uso do "Magalhães" nas mãos dos filhos, as famílias ficam ainda encarregadas de vigiar e policiar as crianças, de modo a impedir conexões imorais, impróprias ou indesejadas, bem como o uso para negócios fradulentos. Mas a realidade é que a maioria das famílias não tem tempo, nem interesse, nem conhecimentos para isso! E de qualquer modo, se as tradicionais psicodrogas da televisão e dos vídeos infantis de toda a espécie (desde jogos com letrinhas e números, até sangrentos combates com monstros espaciais) já não merecem qualquer censura da parte de muitos pais – tudo isso é até muitas vezes bem vindo como distração aliviadora dos nervos dos adultos – como se pode esperar uma reacção diferente, perante mais uma maquina em casa, praticamente oferecida pelo Estado, e que até ostenta a respeitosa etiqueta de «meio educativo»? Conforme já foi amplamente confirmado em outros países, semelhante função fiscalizante e repressiva por parte dos pais só poderá provocar o aparecimento de mais uma tensão moral no seio das famílias, alimentando entre as crianças – tal como acontece com cigarros ou álcool – uma curiosidade natural e um empenho ainda maior para encontrar maneiras de ultrapassar os obstáculos e as proibições.

A documentação para alunos, por sua vez, vem colaborar para simplesmente esvaziar o significado humano de qualquer professor. No Guia de Instruções para Alunos, o "Magalhães" apresenta-se às crianças com uma pseudo-personalidade de "Eu", ou seja, como um ser ou "alguém" que fala às crianças em termos íntimos e carinhosos, para pedir coisas como: «Tal como tu não deitas líquidos estranhos para os teus olhos, também não os podes deitar no meu ecrã», ou «Cuidado com a minha alimentação». Em caso de perda, a mais grave consequência mencionada é «Ficas sem mim», simulando-se o drama da morte entre adultos. Para esta verdadeira encenação dedicada a conferir, já nos primeiríssimos passos da robotização das crianças em casa e nas escolas, uma face humana às máquinas, elas são até apresentadas com a máscara humanista e benemérita de alguém que permite a cada criança «comunicar com o mundo».



E quando se trata do assunto para o qual a máquina foi afinal criada, não faltam rebuçados a prometer prazeres: «Juntos vamos trabalhar e divertir-nos imenso», anuncia o texto. É impossível não lembrar aqui de imediato aquele triste período da nossa história, onde a tentativa de ordenação fascista totalitária e militarista da infância portuguesa também fazia semelhantes promessas de divertimento. O hino oficial da Mocidade Portuguesa abria exactamente com as palavras: "Lá vamos, cantando e rindo!".

Nota Final



Em paralelo com o aparecimento dos computadores como instrumentos absolutamente legítimos e necessários para o trabalho e para muitas outras coisas, ocorreu um fenómeno de deslumbramento das massas adultas, desejosas de aproveitar essa tecnologia nas suas vidas particulares, não só pelas legítimas vantagens de rápida consulta a informações, mas também para fazerem navegações úteis (ou inúteis) pela internet, mais o conforto quase doentio de poderem comprar coisas sem ter que lidar pessoalmente com seres humanos, ou entrar com os próprios pés em lojas.

O segundo fenómeno é a fascinação enfermiga e obsessiva que a nova tecnologia, esvaziada de valores éticos e morais, vem provocando

entre os responsáveis pela educação oficial, até ao ponto de os mesmos passarem a desempenhar o papel de meros elementos de uma verdadeira mega-máquina. Até recentemente, o mundo da educação era um mundo que se alimentava de ideais maduros e impulsos humanistas; um mundo ávido de algo como um estudo e um conhecimento cada vez mais profundo do Homem e para o Homem, capaz de complementar uma antiquada antropologia de inspiração animalista. Mas com a capitulação da máquina educacional perante as máquinas computacionais surge agora uma novidade sem precedentes: uma dependência escravagista perante as ordens da política e do mundo dos negócios. Numa perversa deformação de propósitos, a educação – que é simplesmente o futuro da própria humanidade – entra assim em caminhos de decadência, passando a depender de estratégias não-educativas, nas quais técnicos cibernéticos vêm até comandar a preparação de pais e professores para uma tática pedagógica automatizada desejada para o mundo infantil.

Este é o momento histórico e dramático que estamos a assistir, conforme a mestiçagem homem-máquina vem promover uma nova forma de ditadura, pintada de promessas e ilusões futurísticas. Toda uma antropologia pedagógica da infância, uma verdadeira visão do que é realmente o Homem no Mundo, está a ser atirada para o lixo, para inaugurar-se uma tecno-idolatria que não receia comparação com o recente passado negro fascista da nossa história.

Como humilhação adicional, Portugal é desta vez inclusive utilizado como rastilho inocente para um plano de deformação robótica de outras comunidades escolares, conforme são implementados os planos de venda e exportação maciça do "Magalhães" para inúmeros países em desenvolvimento (haja visto o exemplo da recente declaração do presidente venezuelano Hugo Chávez, o qual anunciou a intenção de comprar um milhão de computadores "Magalhães" para asfixiar electronicamente o seu próprio sistema escolar na sacrificada América Latina).

Para pais e mães cónscios da sua superior missão de educação da infância – que é o nosso maior capital espiritual colectivo – a actual experiência megalomaniaca com o "Magalhães" devia servir como um alerta e um chamamento profundo à consciência, a fim de cada um saber imediatamente como reagir por iniciativa própria, de maneira livre e democrática, para tomar a decisão que julga mais acertada para a sua família, e para discutir o tema entre amigos e quaisquer outras pessoas interessadas.

Na Europa a que Portugal pertence, uma das características de comunidades desenvolvidas é exactamente a autoridade que pais e mães têm para interferir em questões ligadas à educação dos seus filhos. Vale assim lembrar os conteúdos de dois documentos internacionais fundamentais:

«Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos» - Artigo 26/3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, co-assinada por Portugal junto à ONU

«O Estado, no exercício das funções que tem de assumir no campo da educação e do ensino, respeitará o direito dos pais a assegurar aquela educação e ensino consoante as suas convicções religiosas e filosóficas» - Artigo 2/Protocolo da Convenção de Protecção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais, co-assinada por Portugal junto ao Conselho da Europa

Prof. Raul Guerreiro, www.defesadacrianca.net

Quaisquer meios de divulgação, impressos ou digitais, bem como pessoas particulares ou entidades, estão autorizados a reproduzir este artigo sem necessidade de consulta prévia.

REFERÊNCIAS

OLPC / Intel

The Sunday Times, August 10, 2008 ("Why Microsoft and Intel tried to kill the XO \$100 laptop") Intel Communiqué July 30, 2008 ("Intel Collaborates with Government of Portugal on a Comprehensive New Education Initiative")

Nova Iorque / Mark Lawson / Departamento Nacional de Educação dos Estados Unidos The New York Times, May 4, 2007 Education

Dra. Sally McGregor, University College London Institute of Child Health The Lancet, Child Development Series, Vol. 369

Drs. Clotfeiler, Ladd e Vigdor, Duke University Scaling the Digital Divide: Home Computer Technology and Student Achievement / July 29, 2008

Uwe Buermann, Instituto Ipsum de Stuttgart Entrevista com o autor

Drs. Fuchs e Woessmann, Universidade de Munique Computers and Student Learning: Bivariate and Multivariate Evidence on the Availability and Use of Computers at Home and at School, CESifo Working Paper No. 1321. Ifo Institute for Economic Research

Drs. Zimmerman e Christakis, University of Washington Associations between Media Viewing and Language Development in Children Under Age 2 Years. *The Journal of Pediatrics*, Vol. 151, No. 4, Oct. 2007

Relatório AAP 2001

Dr. David Elkind, Universidade Tufts de Massachusetts The Power of Play, Da Capo Press, ISBN 9780738211107

Dra. Donata Eischenbroich Erster Kongress des Forum Bildung, Arbeitsgruppe Lernen des Lernens, Berlin 2000

Dr. Bob Marvin, University of Virginia Citado pelo New York Times, March 1, 2007

Dr. Valdemar Setzer, Departamento de Ciência de Computação da Universidade de São Paulo Meios Eletrônicos e Educação – Uma visão alternativa, Editora Escrituras, ISBN 85-86303-91-7

Multiconferência Mundial sobre Sistemática, Cibernética e Informática www.ime.usp.br/~vwsetzer

Dr. Valdemar Setzer, Departamento de Ciência de Computação da Universidade de São Paulo www.ime.usp.br/~vwsetzer/pals/palestras

Textos de divulgação do "Magalhães"

- Guia para Pais e Educadores, Ministério da Educação

- Guia para Alunos "À Descoberta com o "Magalhães"", Ministério da Educação

Colaboradores do projecto consultados junto à Universidade de Lisboa

Entrevista com o autor

Centro de Competência, Faculdade de Ciências

Pedagogia Waldorf www.sab.org.br/pedag-wal/pedag

Declaração Universal dos Direitos Humanos Website da ONU (www.unhcr.ch/udhr/lang/eng.pdf)

Convenção de Protecção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais Website do Conselho da Europa www.echr.coe.int/nr/rdonlyres/d5cc24a7-dc13-4318-b457-5c9014916d7a/0/englishanglais.pdf